

AS MULHERES E O MOVIMENTO RED PILL: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE GÊNERO A PARTIR DAS CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS E SOCIAIS

Janaina Roseli Simões DIAS¹
Déborah Cristina ZANATTA¹
Gabriela Boniatti SURDI²
gabrielasurdi@fag.edu.br

RESUMO

Este trabalho investiga a percepção de mulheres acerca das ideologias do movimento *Red Pill*, com base nas construções históricas e sociais de gênero. O objetivo central é compreender como as mulheres interpretam e reagem aos discursos misóginos e antifeministas do movimento, além de avaliar os impactos dessas ideologias em sua autoestima, autoconfiança e saúde mental. A metodologia empregada foi de caráter qualitativo, com a realização de entrevistas semiestruturadas com seis mulheres, selecionadas de forma sistemática por faixa etária. As entrevistas foram analisadas por meio de uma análise de discurso fundamentada em teóricos como Butler, Foucault, Saffioti e Zanello. Os resultados mostram que as mulheres entrevistadas percebem o *Red Pill* como uma reinterpretação do machismo tradicional, voltada para a perpetuação do patriarcado. As participantes destacaram o impacto negativo desses discursos, apontando para a objetificação e desvalorização das mulheres, o qual impacta na autoestima, autoconfiança e na saúde mental de forma direta e/ou indireta. Conclui-se que as mulheres entrevistadas reconhecem o caráter opressor do *Red Pill* e se posicionam de forma crítica, revelando uma resistência que, embora seja uma busca de fortalecimento majoritariamente individual, contribui para a desconstrução dos discursos patriarcais presentes no movimento *Red Pill*.

Palavras-chave: Mulheres. Gênero. Red Pill. Violência. Psicologia Social.

¹ Acadêmico(a) do décimo período do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG

² Psicóloga. Docente e orientadora do Centro Universitário FAG. Esp. em Psicologia Histórico Cultural

WOMEN AND THE RED PILL MOVEMENT: AN ANALYSIS OF GENDER PERCEPTION BASED ON HISTORICAL AND SOCIAL CONSTRUCTIONS

Janaina Roseli Simões DIAS¹
Déborah Cristina ZANATTA¹
Gabriela Boniatti SURDI²
gabrielasurdi@fag.edu.br

ABSTRACT

This study investigates women's perception of the ideologies of the Red Pill movement, based on historical and social gender constructions. The central objective is to understand how women interpret and react to the movement's misogynistic and anti-feminist discourses, as well as to assess the impacts of these ideologies on their self-esteem, self-confidence, and mental health. The methodology employed was qualitative, with semi-structured interviews conducted with six women systematically selected by age group. The interviews were analyzed through discourse analysis, based on theorists such as Butler, Foucault, Saffioti, and Zanello. The results show that the interviewed women perceive the Red Pill as a reinterpretation of traditional male chauvinism, aimed at perpetuating the patriarchy. The participants highlighted the negative impact of these discourses, pointing to the objectification and devaluation of women. It is concluded that the interviewed women recognize the oppressive nature of the Red Pill and take a critical stance, revealing a form of resistance that, although primarily an individual effort towards empowerment, contributes to the deconstruction of the patriarchal discourses present in the Red Pill movement.

Key words: Women. Gender. Red Pill. Violence. Social Psychology.

¹ Student in the tenth semester of the Psychology program at FAG University Center.

² Psychologist. Faculty member and advisor at FAG University Center. Specialization in Historical Cultural Psychology

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a relação entre as mulheres e o movimento *Red Pill*, com foco na percepção feminina sobre o discurso ideológico desse movimento. A disseminação rápida de informações e o amplo alcance proporcionado pela internet amplificam significativamente os impactos de discursos discriminatórios veiculados online (ESCOBAR, 2019). A misoginia, a qual refere-se como aversão, desprezo, ódio ou hostilidade direcionados especificamente às mulheres (BANDEIRA, 2016), foi destacada como o crime de ódio que mais cresceu, passando de 961 denúncias em 2017 para 28,6 mil em 2022, representando um aumento de quase 30 vezes (BRASIL, 2024).

Nesse contexto, o discurso de ódio misógino nas redes sociais tornou-se um grave problema de saúde pública, afetando negativamente a saúde mental e a segurança das mulheres (ONU, 2023). Entre o período de 2017 a 2022, os crimes de ódio mais denunciados na Central da *SaferNet*¹ foram a apologia a crimes contra a vida, com 76,1 mil denúncias, seguido pela misoginia, com 74,3 mil denúncias.

Em resposta às mudanças sociais que envolvem as mulheres, surgiu o movimento *The Red Pill* (A Pílula Vermelha), composto por homens, conhecidos como "*Redpillers*" ou "*Redpills*", que defendem a supremacia masculina e se opõem ao feminismo. Inspirado no filme *Matrix* (1999), o termo "*The Red Pill*" refere-se à escolha entre permanecer na ilusão, simbolizando o mundo atual (Pílula Azul) ou despertar para a realidade cruel em que, na ideologia² do movimento, as mulheres são manipuladoras, controladoras e traiçoeiras (Pílula Vermelha) (BOTTO e GOTZÉN, 2023).

A ideologia do movimento *The Red Pill* (TRP) baseia-se em visões misóginas, que se referem a condutas de ódio, desprezo e aversão dos homens em relação às mulheres; e patriarcais, o qual consideram as mulheres inferiores, se opondo à busca feminina pela igualdade de gênero (DUTRA e PASCHOAL, 2023). Os adeptos deste movimento acreditam que o feminismo busca destruir a masculinidade e prejudicar os homens de forma intencional, resultando na superiorização das mulheres e na inferiorização dos homens (DUTRA e PASCHOAL, 2023; MOUNTFORD, 2018). Esse movimento iniciou de forma online e, atualmente, é amplamente difundido nas redes sociais, *blogs* e fóruns. (MOUNTFORD,

¹ Associação civil de direito privado, com atuação nacional, sem fins lucrativos ou econômicos, sem vinculação político partidária, religiosa ou racial que busca defender e promover os direitos humanos na Internet (SAFERNET BRASIL, [s.d.]).

² Conjunto de certezas pessoais de uma pessoa, de um grupo de pessoas e das suas percepções políticas, sociais e culturais (IDEOLOGIA, 2024).

2018).

Em suma, essa pesquisa pretendeu compreender qual é a percepção das mulheres acerca das ideologias do movimento intitulado *Red Pill*. Para atingir este objetivo, as pesquisadoras identificaram os elementos misóginos e antifeministas presentes nos discursos ideológicos do movimento *Red Pill*, investigaram como as mulheres interpretam e reagem às mensagens do *Red Pill*, levando em consideração as construções históricas e sociais de gênero e, por fim, avaliaram os impactos das ideologias defendidas pelo movimento *Red Pill* na autoestima, autoconfiança e saúde mental das mulheres.

Conforme o exposto, a motivação implícita na escolha da pesquisa verifica a lacuna na literatura referente à temática, visto que existem poucos estudos acerca do assunto. E, além disso, ampliar as discussões que abordam a influência dos discursos misóginos e patriarcais nas mulheres, no que diz respeito aos aspectos citados anteriormente.

Em complemento, para melhor contextualizar a pesquisa, faz-se necessário explorar temáticas que ampliem a compreensão do presente trabalho. Dessa forma, os tópicos a seguir irão fundamentar a problemática levantada pelas pesquisadoras e embasar os objetivos estabelecidos.

1.1 VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Segundo Butler (2018) o conceito de gênero e de identidade de gênero podem ser vistos como uma performance de práticas sociais pré-estabelecidas, a qual homens e mulheres são socialmente condicionados a se comportarem de maneiras distintas com base em seu sexo biológico. Dessa forma, o gênero não é apenas uma característica biológica, mas uma expressão cultural e social do corpo, o qual é percebido um espaço, onde as normas e expectativas de gênero são internalizadas e expressas (SAFFIOTI, 1992).

Alinhado às questões de gênero, o patriarcado é um sistema social, político e cultural em que o poder e a autoridade são predominantemente detidos pelos homens, em detrimento das mulheres. Nesse sistema, os homens ocupam posições de liderança e controle, enquanto as mulheres são frequentemente subordinadas e possuem menos acesso a recursos e oportunidades. O patriarcado baseia-se em relações de poder hierárquicas, nas quais os homens exercem domínio sobre as mulheres, limitando suas liberdades e reforçando estereótipos de gênero prejudiciais. Esse sistema pode se manifestar em formas de violência, discriminação e desigualdade de gênero (SAFFIOTI, 2015).

Além disso, o machismo, que contribui para a manutenção do patriarcado, é uma ideologia que sustenta a superioridade masculina sobre as mulheres, reforçando suas estruturas de poder. Ao legitimar a dominação masculina, o machismo fortalece as normas patriarcais, perpetuando a ideia de controle masculino sobre as mulheres e mantendo um sistema de opressão baseado na superioridade dos homens. As atitudes machistas manifestam-se em atos discriminatórios e opressivos, contribuindo para a desigualdade de gênero e a subordinação feminina (ZANELLO, 2022).

Diante dessas considerações, a violência de gênero refere-se a qualquer forma de violência, sejam elas físicas, sexuais, psicológicas, patrimoniais³ ou moral⁴, as quais são direcionadas ao gênero da vítima. Enquanto os discursos de ódio são expressões verbais, escritas ou visuais que promovem o ódio, a discriminação e a hostilidade contra indivíduos ou grupos, baseando-se em características como raça, etnia, religião, orientação sexual, gênero, identidade de gênero (BANDEIRA, 2016).

E por fim, a misoginia é a aversão ou desprezo, o ódio ou a hostilidade direcionados, especificamente, às mulheres. Refletindo em atitudes, crenças e práticas que denotam uma visão negativa e discriminatória a partir de estereótipos de gênero, corroborando em relações de poder desiguais entre homens e mulheres (BANDEIRA, 2016).

1.2 REDES SOCIAIS

As redes sociais são sistemas de comunicação que incluem linguagem simbólica, fronteiras culturais e relações que envolvem trocas e poder (FIALHO, 2014). No início da era digital, era esperado que o ambiente virtual fosse um lugar utópico, o qual as diferenças relacionadas à raça, gênero, sexualidade, habilidade e classe poderiam ser flexíveis ou, até mesmo, eliminadas (LAWSON, 2018).

Com efeito, o grande avanço das tecnologias virtuais fez com que as pessoas ficassem cada vez mais conectadas às redes, o que contribuiu para que comportamentos e padrões estabelecidos no mundo real fossem incorporados às redes sociais, tornando o ambiente virtual um reflexo da sociedade, com suas desigualdades e injustiças. Entretanto, estas

³ Qualquer ato que envolva a retenção, subtração ou destruição de bens, documentos pessoais, instrumentos de trabalho e recursos econômicos da mulher (BRASIL, 2006).

⁴ Uma forma de controle nas relações de gênero, especialmente em contextos íntimos e familiares. Não é manifestado de maneira física, mas por meio de normas, valores e expectativas sociais que perpetuam a dominação masculina e a subordinação feminina (BANDEIRA, 2016).

condutas foram amplificadas no cenário digital, afetando as interações e relações entre as pessoas de forma mais acentuada na era contemporânea (SANTOS e SANTOS, 2022).

Faz-se importante ressaltar que as plataformas digitais representam um ambiente propício para a disseminação de uma variedade de opiniões e observa-se, atualmente, um aumento de discursos intolerantes de extrema radicalidade, especialmente quando abordam-se questões de gênero e sexualidade. A diversidade de perspectivas nos sites de redes sociais possibilita que as pessoas estabeleçam conexões sociais, mas, também, dá espaço para conflitos de opiniões constantes, impulsionados pela rápida troca de informações (SILVA, 2018).

Diante dessa realidade, a misoginia na internet é uma forma de discriminação e violência de gênero, a qual manifesta-se através de discursos de ódio, ataques verbais, ameaças, difamação e outras formas de violência direcionadas de maneira específica às mulheres. Logo, a facilidade de propagação de conteúdo na rede amplifica o impacto negativo sobre as vítimas, pois essa prática é potencializada pela sensação de impunidade que o usuário da internet possui devido ao anonimato, tornando as condutas delitivas estimuladoras (ESCOBAR, 2019).

1.3 MOVIMENTO RED PILL

Botto e Gottzén (2023) indicam que os homens jovens são frequentemente vistos como mais liberais em questões de gênero e sexualidade, apoiando a igualdade de gênero e promovendo relações menos opressivas do que gerações anteriores. No entanto, pesquisas recentes sugerem que, na realidade, esses jovens do sexo masculino podem ser mais negativos em relação aos direitos das mulheres e à igualdade de gênero, sentindo-se ameaçados pela mudança de gênero devido a uma suposta competição entre os sexos.

Posto isso, alguns jovens são atraídos pela "manosfera"⁵, uma comunidade online que promove ideologias misóginas, antifeministas e de supremacia masculina (BOTTO e GOTTZÉN, 2023). Partindo disso, compreende-se que a misoginia refere-se a atitudes de ódio, desprezo e aversão dos homens em relação as mulheres, perpetuando a violência de

⁵ Segundo Valkenburgh (2018), o termo "manosfera" refere-se a uma rede descentralizada de comunidades online antifeministas, que inclui fenômenos desde o ativismo em prol do direito dos homens e até fóruns dedicados à arte de seduzir mulheres.

gênero e contribuindo para problemas sociais como abuso sexual, inferiorização e discriminação contra elas (SANTOS, 2023).

O movimento *The Red Pill* (TRP) é considerado um subgrupo da manosphere, que luta pelos direitos dos homens, visto que a ascensão social da mulher e de outras minorias não heteronormativas, representam uma ameaça aos homens e ao papel de gênero atribuído pela cultura patriarcal (SANTOS, 2023). Esse grupo cria, de forma online, novas formas de masculinidade hegemônica para manter a dominação masculina, incluindo a submissão das mulheres por meio de violência, discriminação e estrutura social (MOUNTFORD, 2018).

O movimento *The Red Pill* (TRP) teve origem em 2009 em fóruns online, com sua principal comunidade estabelecida em 2012 no *Reddit*⁶. Sua filosofia acredita em uma concepção geneticamente determinada de gênero, com papéis inerentes devido às características físicas. O termo "*Red Pill*" é uma referência ao filme *Matrix* (1999), o qual representa a escolha entre permanecer em um mundo ilusório com a Pílula Azul ou despertar para a realidade com a Pílula Vermelha. O movimento apropriou-se dessa terminologia, atribuindo-lhe um viés misógino (BOTTO e GOTZÉN, 2023; MOUNTFORD, 2018; SANTOS, 2023).

Os adeptos do movimento "*Red Pill*" acreditam que ser "*Red Pilled*" é despertar para uma realidade onde as mulheres são vistas como controladoras, manipuladoras e traiçoeiras, enquanto os homens são considerados racionais e vítimas de forças além de seu controle. Os "*Redpillers*" ou "*Redpilled*" criticam o feminismo, percebendo-o como uma propaganda prejudicial que mina as diferenças naturais entre os sexos e torna as mulheres indisponíveis para os homens. Além disso, argumentam que o feminismo favoreceu excessivamente os interesses econômicos e reprodutivos das mulheres, resultando na discriminação contra os homens na sociedade. Alguns adeptos expressam ressentimento defendendo a violência sexual e física contra as mulheres por não concederem aos homens o que consideram seu por direito (BOTTO e GOTZÉN, 2023; SANTOS, 2023).

Este movimento vem apresentando um crescimento expressivo em sua influência online, sendo associado aos discursos da extrema direita, que ganharam destaque no Brasil nos últimos anos (SANTOS, 2023). Ainda que este movimento esteja associado ao ódio propagado de maneira virtual e ao assédio online, talvez seja difícil de separar a violência virtual da violência no mundo real (VALKENBURGH, 2018).

⁶ Rede social que possui uma comunidade de fóruns, os quais permitem a criação de publicações e discussões sobre assuntos variados (ALVES, 2013; CARVALHO, 2022).

2 MÉTODOS

O presente projeto caracteriza-se, do ponto de vista de sua natureza, como uma pesquisa básica, em que se busca a formulação de novos conhecimentos teóricos e úteis para a ciência, além da compreensão de fenômenos de forma abrangente (PRODANOV e FREITAS, 2013). Enquanto sua abordagem de problema é qualitativa, buscando o reconhecimento de fenômenos de forma mais profunda e contextualizada, visto que o trabalho buscou compreender qual a percepção das mulheres acerca das ideologias do movimento intitulado *Red Pill* (PRODANOV e FREITAS, 2013).

Portanto, em relação aos objetivos, a pesquisa configura-se como descritiva, visto que a percepção das mulheres foi registrada e descrita sem interferência das pesquisadoras (PRODANOV e FREITAS, 2013). Em relação aos procedimentos técnicos, a pesquisa utilizou da pesquisa de campo, dado que as mulheres que compuseram a amostra participaram de entrevistas semi-estruturadas. Essa forma de pesquisa envolve a observação dos fatos conforme ocorrem naturalmente, a coleta de dados relevantes e o registro para análise posterior (PRODANOV e FREITAS, 2013). Esta pesquisa foi submetida ao comitê de ética em pesquisa com seres humanos e foi aprovada sob o CAAE nº 81436824.6.0000.5219.

A população-alvo deste estudo constituiu-se de seis pessoas que identificam-se como mulheres, com idade de 18 a 50 anos, que conhecem o movimento *Red Pill*, apresentaram interesse em participar da pesquisa e possuem acesso a meios de comunicação.

A respeito do plano de recrutamento, as pesquisadoras, por meio de uma publicação impulsionada na rede social *Instagram*, convidaram mulheres que apresentaram os critérios de inclusão para preencher um questionário no *Google Forms*, o qual tinha como objetivo estabelecer a população para realizar a amostragem. As publicações, realizadas no levantamento de mulheres interessadas, alcançaram um número significativo, totalizando 175 respostas de mulheres de todo o Brasil, dado que o impulsionamento realizado nas redes sociais tinha como objetivo atingir regiões diversas do país, para abranger maiores contextos sociais e culturais.

Dessas 175 mulheres, restaram 155, as quais atendiam aos critérios de inclusão da pesquisa e estavam aptas a participar da seleção sistemática, visto que a idade é uma variável influenciadora nas percepções do movimento *Red Pill*. Por esta razão, foram realizados 6 intervalos, organizados por idade em ordem crescente de 18 a 50 anos, contendo 26 possíveis participantes em cada um deles, exceto no último, que ficou com 25 mulheres. Os intervalos

os quais as idades repetiam-se, foram ordenadas por ordem alfabética. Sendo assim, seis mulheres, que possuíam entre 21 a 45 anos, foram selecionadas, contatadas e convidadas a participar de uma entrevista semiestruturada de aproximadamente uma hora.

Os resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas foram submetidos a uma análise de discurso, que se concentra no exame do discurso, ressaltando os significados presentes nas oratórias, levando em consideração as condições sociais, históricas e ideológicas do orador (GONDIM e FISHER, 2009). A construção da fundamentação dessa análise foi baseada nos textos e teorias de Butler (2018), Foucault (2009, 2011), Saffioti (1992, 2015) e Zanello (2020, 2022), cujos trabalhos oferecem importantes contribuições para o entendimento das questões de gênero, poder, dominação e subjetividade.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na análise das entrevistas realizadas, as seis participantes foram identificadas anonimamente como M. 21, M. 23, M. 27, M. 33, M. 39 e M. 45, a fim de proteger suas identidades. A escolha da letra “M” para referir-se às participantes sucedeu-se pela abreviação da palavra "Mulher" e os números ao lado da abreviação diz respeito à idade de cada participante. Ressalta-se, novamente, que a idade foi considerada uma variável influente nas respostas, uma vez que a percepção e as reações ao movimento *Red Pill* podem variar de acordo com a experiência de vida e o contexto geracional de cada participante.

A análise dos resultados fundamentou-se nos relatos verbais das entrevistadas, possibilitando a organização de categorias temáticas, que se alinham aos objetivos propostos no trabalho, para a discussão do tema. As categorias identificadas incluem: i) Misoginia e antifeminismo nos discursos do movimento *Red Pill*: “*o mesmo machismo de sempre, só com um nome americanizado*”, ii) Corpos, gênero e poder: Interpretação e reação das mulheres frente aos discursos patriarcais do movimento *Red Pill* e iii) O impacto do discurso do movimento *Red Pill* nas mulheres entrevistadas. Os trechos das entrevistas serão apresentados na íntegra, como citação direta, para exemplificar as discussões abordadas no texto. Contudo, os relatos não serão apresentados por completo, a fim de preservar a identidade das participantes e proporcionar um ambiente mais confortável para que elas pudessem compartilhar livremente suas experiências.

3.1 Misoginia e antifeminismo nos discursos do movimento *Red Pill*: “o mesmo machismo de sempre, só com um nome americanizado”

Durante as entrevistas, as participantes demonstraram clara percepção de que o discurso do movimento *Red Pill* contém elementos misóginos e antifeministas. Tendo isso em vista, o movimento foi percebido como uma forma moderna do machismo ser reafirmado na sociedade, fazendo uso de um nome e uma apresentação diferente. Como foi falado por M. 39 anos, o machismo utiliza-se de uma “nova roupagem” para o emprego de discursos patriarcais e machistas, da mesma forma que era perpetuado antigamente, porém com o intuito de alcançar os jovens:

O movimento feminista ganhou mais força, uma forma, se tornou mais presente na vida das pessoas e parecia que o machismo estava caindo em desuso. Até que o movimento *Red Pill* veio com uma...uma nova roupagem, uma suposta nova proposta. Na verdade, é o mesmo machismo de sempre, só com um nome americanizado. E isso atraiu muito os jovens. Então assim, “o machismo é coisa do meu avô. Não, eu não sou machista, eu sou *Red Pill*” [sic].

Com base na percepção das participantes, os discursos *Red Pill* podem ser vistos como uma reinterpretação da misoginia e do antifeminismo que, embora reforcem muitos dos estereótipos e atitudes clássicas, também introduzem uma narrativa de vitimização masculina que perpetuam a desigualdade de gênero, ao ignorar as complexidades das relações entre os gêneros e as dinâmicas de poder que as sustentam (ALBUQUERQUE e ALVES, 2018).

Além disso, a constatação de que o movimento *Red Pill* é uma contraposição a crescente do movimento feminista, foi evidenciado em muitas falas das participantes. Aqui destaca-se a fala de M. 27:

Ah, porque esse movimento vem de uma ideia imaginária do homem, de achar que... eles estão perdendo a posição deles de alfa na sociedade, sabe? Então, desde que as mulheres começaram a adquirir direitos e querer posições igualitárias, a mulher começou a ter uma visibilidade maior na sociedade e veio esse movimento (...) [sic]

Como uma forma de que o feminismo seja enfraquecido, há uma constatação pelas participantes, de que o movimento *Red Pill* busca desvalorizar e desacreditar as mulheres e suas conquistas. Biroli (2018), em sua obra, argumenta que a desvalorização das mulheres envolve a tentativa de controlar seus corpos e discursos, desacreditando sua competência e autonomia. A autora observa que o patriarcado utiliza essas práticas para manter as mulheres em uma posição de subordinação, seja ridicularizando suas capacidades intelectuais ou

desqualificando suas experiências e saberes.

O movimento *Red Pill*, ao idealizar um retorno ao passado patriarcal, reforça essa noção ao tentar manter a hierarquia de gênero, que, para Butler (2018), é uma construção social e histórica, e não uma verdade essencial. Esta percepção é destacada pela participante M. 23 anos:

“Porque antigamente era muito melhor.” Antigamente, quando os homens espancavam as mulheres e não existia nenhum direito das mulheres? Tipo, isso era tão bom antigamente, porque as coisas mudaram, né?(...) Se tivesse tudo maravilhoso, eu ia continuar como estava [sic].

Para além, Connell (2013) afirma que a masculinidade hegemônica pode ser percebida como um padrão normativo de regras sociais que definem o que é ser um homem e como ele deve se apresentar frente à sociedade, essas considerações abarcam a visão de antagonismo com a feminilidade, que corresponde com as hierarquias de gênero, no qual a masculinidade é frequentemente posicionada como superior à feminilidade. Isso resulta em uma estrutura de poder que legitima a dominação masculina sobre as mulheres e marginaliza outras formas de masculinidade que não se alinham com o ideal hegemônico. A visão de M. 39, corresponde a essa ideia quando fala sobre o movimento *Red Pill*, “O intuito dele é supervalorizar o macho e desvalorizar mesmo a feminilidade, a personalidade, a imagem feminina”.

No Brasil, a misoginia, que faz parte da masculinidade hegemônica, é difundida pela objetificação sexual, a qual ocorre a transformação da visão do outro em uma coisa (FREITAS, 2002). As participantes, durante as entrevistas, demonstraram ter uma visão que corresponde à objetificação internalizada no movimento, conforme pode-se constatar na seguinte frase de M. 33 acerca do movimento *Red Pill*:

Desvaloriza, completamente. Mulher é tratada como... Perdão pela palavra, mas eu já vi os dois Red Pill que eu convivi, falar: Mulher é depósito de porra. Então, assim, é uma desumanização total (...) é um movimento que desvaloriza e nos reduz a um mero útero, o que é extremamente violento [sic].

Foucault (2009) não trata o poder de forma tradicional, como algo que apenas uma entidade ou grupo possui e exerce sobre outro. Em vez disso, ele vê o poder como difuso, presente em todas as relações sociais, e constantemente reproduzido por meio de discursos, instituições e práticas sociais. De acordo com o autor, o poder não é algo que apenas reprime, mas também produz realidades, discursos e conhecimento. Nesse sentido, o discurso do

movimento *Red Pill* pode ser interpretado como uma tecnologia de poder que molda e regula as relações de gênero.

Contudo, Foucault (2009) lembra que onde há poder, há resistência e esta não é apenas uma negação do poder, mas uma maneira de subverter suas dinâmicas. As falas das participantes revelam que, embora o movimento *Red Pill* tente naturalizar um discurso de subordinação feminina, ele também gera um contradiscurso que o desafia. As mulheres nas entrevistas reconhecem as violências contidas nos discursos *Red Pill* e resistem a estes ao evidenciá-los e questioná-los. Nesse caso, as participantes resistem ao discurso *Red Pill* ao trazer à tona as consequências negativas desse movimento para a igualdade de gênero e a dignidade das mulheres. Conforme lembra M. 23:

Ele vem ali tentando, digamos assim, recontaminar os homens, retomar a dominação masculina. Então eu acredito que isso pode influenciar, influencia o movimento feminista e influencia também outras áreas da vida das mulheres [sic].

Saffioti (1992), explora como a dominação masculina influencia não apenas as relações de gênero, mas também o desenvolvimento e as estratégias do movimento feminista. Ela argumenta que a dominação masculina é estruturante nas sociedades patriarcais, sendo um sistema que regula e explora as relações entre homens e mulheres de maneira a garantir a submissão das mulheres. A autora destaca, apoiando a resistência dita por Foucault (2009), que o movimento feminista surge justamente em resposta a essa estrutura de dominação. A resistência feminista, segundo ela, é uma reação contra a opressão sistêmica que subordina as mulheres em diversas esferas sociais, como no trabalho, na família, nas relações afetivas e nas esferas política e jurídica.

3.2 Corpos, gênero e poder: Interpretação e reação das mulheres frente aos discursos patriarcais do movimento *Red Pill*

Nas entrevistas, para compreender de qual forma as entrevistadas interpretam e reagem ao discurso do movimento *Red Pill*, foram utilizadas falas ditas por adeptos deste movimento, retiradas de meios de comunicação da internet, visto que a manifestação de ideias do movimento é majoritariamente online, local onde surgiu e ganhou força. Nesse sentido, é válido salientar que todas as entrevistadas relataram que tiveram contato com o movimento *Red Pill* devido à conteúdos online, exceto por uma entrevistada que teve um contato real

com adeptos ao movimento. Dado o exposto, as autoras Regagnan e Souto (2024) evidenciam que os movimentos online, que utilizam de manifestações antifeministas e discursos misóginos, acabam por afetar os indivíduos de forma cultural, social e política, e que o ódio performado nesses movimentos são apresentados em espaços digitais e também reais.

Diante disso, parte-se da primeira frase: “Se não tivesse homem na academia e rede social, metade da mulherada nem ia malhar. Resumindo: 50% das mulheres, na minha percepção, que vão para malhar, é para ganhar validação”. Butler (2018), explora como as performances de gênero são repetidas e normalizadas, levando as pessoas a internalizar essas expectativas e a agirem em conformidade com elas, muitas vezes sem questionamento. Dessa forma, a ideia de que as mulheres vão à academia para "ganhar validação", dita por adeptos do *Red Pill*, poderia ser vista como um exemplo da forma que a performatividade de gênero é internalizada, podendo levar mulheres a aderirem a padrões de beleza que perpetuam a dominação masculina e reforçam o controle sobre seus corpos, a fim de obter alguma forma de “validação”.

Entretanto, as reações das participantes vão ao contrário dessa ideia de validação masculina, como, por exemplo, afirma M. 33:

(...) É de uma imbecilidade sem tamanho dizer que mulheres vão na academia por causa de homens. Muito pelo contrário. Eu e outras amigas, inclusive, a gente cuida com o que veste pra academia, o que é um absurdo, por conta de olhares. Então, blusas mais largas e em horários que a gente sabe que são menos movimentados, né? Evitar contato visual, evitar dar conversa em academia. Então, enquanto eles acham que a gente tá querendo atenção, na verdade a gente só tá querendo treinar em paz, sem ser assediada [sic].

Saffioti (1992) discute como o patriarcado se manifesta na vida cotidiana das mulheres, impondo relações de poder e controle que restringem sua liberdade. O relato ilustra o que a autora chama de "violência simbólica", o qual define-se por uma forma de opressão que ocorre de maneira indireta e muitas vezes invisível. Esse controle, exercido por meio de normas sociais implícitas, faz parte da lógica de dominação masculina, que transforma o corpo feminino em objeto de vigilância e controle. Então mesmo em espaços públicos, como academias, as mulheres precisam lidar com a constante ameaça de serem sexualizadas e assediadas, o que limita sua liberdade de agir e existir nesses ambientes.

Em seguida, a segunda frase foi citada: “Mulher que fala ‘não, porque eu faço boxe, eu treino, sou forte, eu me banco...’ esquece, nenhum sucesso financeiro traz a sensação de proteção para uma mulher que um casamento traz”. Para Zanello (2020), o casamento é uma instituição que está profundamente enraizada nas relações de gênero e afeta as mulheres de

maneira significativa, já que é frequentemente visto como um marco importante na vida das mulheres, contribuindo para a construção de sua identidade, na qual a realização pessoal e social está intimamente ligada à capacidade de formar uma união amorosa e familiar. Nesse sentido, M. 23 lembra:

(...) a mulher, ela é criada pra esperar esse momento, sonhar com esse momento e as mulheres sonham com, tipo, serem amadas, serem...tipo, ter todo o rito do casamento e se casarem, né, e viver feliz pra sempre, né? E os homens, eles sabem disso, e eles não são criados da mesma maneira, mas eles sabem, eles percebem o quanto que as mulheres, elas valorizam essa questão da...proteção, né (...) [sic].

Contudo, o casamento pode reforçar desigualdades de gênero, na qual as dinâmicas de poder muitas vezes favorecem os homens, refletindo e perpetuando hierarquias patriarcais. Dentro do casamento, as mulheres frequentemente assumem papéis tradicionais que incluem a maternidade e o cuidado da casa, limitando suas oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional e, dessa forma, perpetuando a ideia de que seu valor está atrelado à capacidade de cuidar dos outros. O casamento pode trazer apoio emocional, mas, também, pode aprisionar mulheres em relações insatisfatórias ou abusivas, afetando sua saúde mental e bem-estar (ZANELLO, 2020).

De acordo com o exposto, M. 39 compartilha sua experiência:

É ofensivo, é extremamente ofensivo. É pra mim, minha vida, minha vivência, minha experiência pessoal. Eu tô saindo recentemente de um segundo casamento. Então assim, eu descobri que não dá pra ser feliz casada. Não dá. Eu desisti. (...) Então eu quero minha natação, eu quero ir para o meu trabalho, eu quero chegar na minha casa, eu não quero ninguém olhando torto, porque eu estou cansada e porque acho que eu tenho que ser uma máquina de lavar roupa, ou de fazer sexo, ou de aguentar desaforo. Eu não quero, não me deu proteção nenhuma. Para mim, o casamento me pôs ao ridículo (...) [sic].

Partindo da percepção acerca da falta de proteção dentro do casamento, a violência doméstica é um dos principais problemas sociais no Brasil, afetando milhões de mulheres em suas próprias casas. Dados divulgados pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) (2024) revelam que, apenas nos primeiros cinco meses do ano, mais de 380 mil casos de violência contra mulheres foram registrados no sistema judicial brasileiro. Esses números indicam que, em média, 2,5 mil novos processos relacionados à violência contra a mulher são iniciados por dia nas cortes do país. Este dado revela a amplitude e gravidade do problema, que continua a crescer de maneira preocupante, apesar dos esforços para combatê-lo. Acerca dos dados expostos, M. 33 comenta:

(..) dos dados que a gente tinha de violência doméstica ocorreram dentro do casamento. Então, assim, eu acho que se você perguntar para qualquer mulher, o casamento deve ser um dos espaços menos seguros, né? Para a maioria...Estatisticamente falando porque o feminicídio é um tipo penal não é à toa, né. É um tipo penal oriundo disso aí, quando as mulheres são mortas em razão de ser mulheres dentro de suas casas. Na maioria das vezes por seus companheiros. Então eu acho que essa pessoa tem uma visão muito distorcida do que é proteção. E discordo da frase. [sic].

Além dos números gerais sobre violência doméstica, segundo o Laboratório de Estudos de Feminicídios (LESFEM) (2024), os feminicídios, o qual referem-se a homicídios cometidos contra mulheres devido ao fato de serem mulheres, apresentaram um aumento significativo. Em São Paulo, por exemplo, o número de feminicídios saltou de 101 casos em 2023 para 132 em 2024.

Adiante, as últimas frases: “O homem com 30 anos não é a mesma coisa que uma mulher de 30 anos, porque o homem com 30 vai subir seu valor sexual e a mulher vai cair seu valor sexual” e “O homem envelhece e a mulher derrete, essa é a verdade”. O envelhecimento das mulheres desafia normas sociais que valorizam a juventude e impõem pressão estética. À medida que envelhecem, muitas enfrentam estigmas que desvalorizam suas experiências, reforçando a ideia de que seu valor está ligado à aparência jovem. Essa dinâmica contribui para a insatisfação corporal e mantém a hierarquia de gênero, no qual a aparência feminina é vista como um instrumento de controle (SAFFIOTI, 2015). M. 45 discorda da frase, ressaltando:

Eu discordo. Até porque se eu concordar, eu vou assumir, então, que com 46 anos, quem sou eu? Então, não devo nem sair de casa, nem ir a uma academia, nem ir a uma festa, num show, não devo ir a lugar nenhum. Porque, ainda mais divorciada, o que eu vou querer? Ela é ofensiva, ela é agressiva. A questão do estereótipo, da questão da beleza da mulher, o quanto é cobrado para que ela seja perfeita, a questão estética [sic].

Biroli (2018) destaca que à medida que as mulheres envelhecem e sua capacidade reprodutiva diminui, muitas vezes enfrentam uma desvalorização em relação ao seu valor sexual. A sociedade tende a associar a sexualidade feminina à juventude e à fertilidade, o que resulta em uma marginalização das mulheres mais velhas, que são frequentemente vistas como menos desejáveis ou relevantes. Essa dinâmica não apenas impacta a autoestima das mulheres mais velhas, mas também limita suas oportunidades de expressão sexual e participação plena na sociedade. Nesse sentido, M. 33 comenta:

Essa frase, ela é muito burra.(...) Ela é uma frase que ela tá ofendendo mulheres, é claro. Etarismo, a mulher mais velha não serve pra nada. Reduzindo novamente a mulher útero, né? Porque à medida que a mulher envelhece, ela perde sua capacidade reprodutiva mas não sexual, isso é importante dizer e aí os caras inventam essas coisas [sic].

No caso do movimento *Red Pill*, o discurso sobre as mulheres como seres que precisam de validação masculina, que "perdem valor" com o envelhecimento ou que encontram a verdadeira "proteção" no casamento, pode ser visto como um poder disciplinar, utilizando da vigilância contínua, normalização e controle dos corpos. Este conceito foucaultiano sugere que o poder não age apenas de forma repressiva, mas também produz identidades, molda comportamentos e naturalizam hierarquias de gênero. Essas afirmações são ferramentas discursivas que reconstróem o controle sobre os corpos femininos, reforçando normas sociais patriarcais que limitam a liberdade e autodeterminação das mulheres (FOUCAULT, 2011).

Sendo assim, pode-se entender o movimento *Red Pill* como um exemplo de poder disciplinar, que regula o comportamento feminino e reforça as normas patriarcais por meio de discursos que naturalizam a desigualdade de gênero. No entanto, ao rejeitarem a objetificação, a imposição do casamento como único caminho e a desvalorização estética, as mulheres criam espaços de contestação, revelando que o poder nunca é absoluto e que as subjetividades podem ser reconfiguradas para resistir à dominação (FOUCAULT, 2011).

3.3 O impacto do discurso do movimento *Red Pill* nas mulheres entrevistadas: “*É cansativo lutar pelo óbvio*”

Dada a relevância dos resultados obtidos durante as entrevistas, foi possível verificar um impacto significativo do discurso do movimento *Red Pill* voltado à autoestima, autoconfiança e saúde mental. Butler (2018) argumenta que os discursos patriarcais definem normas de gênero e impõem padrões de comportamento e aparência às mulheres. Essa pressão leva à internalização de críticas e estigmas, gerando sentimentos de inadequação e insegurança, o que pode afetar negativamente a autoestima e a autoconfiança. A exposição contínua a discursos misóginos e a sensação de estar sob vigilância constante, contribuem para um estado de estresse crônico, prejudicando o bem-estar emocional das mulheres.

Quanto ao impacto dos discursos do movimento *Red Pill* na autoestima, M.39 declara:

Como o movimento Red Pill é muito presente nas redes sociais, eu acredito que ele é um combustível que fortalece aquele padrão. Você vai estar sempre se sentindo menor, quando há menos, se sentindo inferior. Então assim, estar na rede social o tempo inteiro com coisas como "não saio com mulher 30 mais", "não saio com mulher que tem estria", "não saio com mulher que já foi noiva ou que já se divorciou". Todas essas são falas dentro do Red Pill. Se você não tem uma autoconfiança, se você não tem um autoconhecimento, se você não tem o seu auto-amor, se você não tem a construção da sua auto-imagem também fortalecida, isso pode se desmoronar sua autoestima [sic].

A era das mídias sociais trouxe uma profunda influência na forma como homens e, em especial, mulheres percebem e idealizam seus corpos, esse contexto resulta em uma veneração ao corpo e na incessante busca por um padrão de perfeição que, muitas vezes, se revela ilusório ou inatingível. Consequentemente, isso tem gerado alarmantes taxas de distúrbios alimentares, depressão e distorções na percepção da própria imagem (GOULART E CARVALHO, 2017). O corpo feminino é um dos principais alvos dos discursos patriarcais, sendo constantemente objetificado e controlado. Essa pressão estética difundida pelos discursos patriarcais, impacta negativamente a saúde mental, levando a baixa autoestima e autoconfiança (ZANELLO, 2020).

Sendo assim, acerca da autoconfiança, Zanello (2020), em sua obra, discute como o patriarcado e seus discursos atuam sobre as subjetividades femininas, criando uma série de expectativas inatingíveis sobre o corpo, a beleza e o comportamento das mulheres, o que leva ao adoecimento psíquico e à diminuição da autoconfiança. Diante do exposto, M. 33 relata:

(...) em termos de tudo, em termos de diminuir enquanto profissional, de diminuir enquanto mulher, de diminuir em relação à beleza. de criticar roupas, isso aconteceu comigo, quando eu comecei a me relacionar afetivamente com um deles ele começou a querer mandar nas minhas roupas e eu assim, cala a boca, você não vai mandar nas minhas roupas, pelo amor de Deus na época eu não percebi, depois que eu fui entender, enfim, questão de corpo, ah você tá gorda, ah, cuidado não come tanto, se não você vai engordar, ninguém vai te querer, coisas assim que parecem sutis, mas que quando a gente junta tudo, pode ser um grande poço para a mulher que se envolve com um discurso como esse [sic].

A autora Zanello (2020) enfatiza que, ao longo do tempo, as microagressões⁷ e críticas constantes, como as mencionadas no relato, podem gerar um cansaço psíquico profundo, no qual as mulheres começam a duvidar de seu próprio valor e a sentir-se inadequadas em vários aspectos de suas vidas. Dessa forma, quando M. 33 afirma no relato que, ao juntar tudo, "pode ser um grande poço", ela está descrevendo o que Zanello chama de adoecimento psíquico estrutural, em que o controle patriarcal sobre o corpo e a vida das mulheres leva a

⁷ Pequenas violências cotidianas e sutis (ZANELLO, 2020).

uma perda de autonomia, e à sensação de estar aprisionada em expectativas e críticas que nunca cessam. Esse "grande poço" pode ser entendido como a consequência emocional de viver em uma sociedade que oprime as mulheres e limita sua autonomia.

Desse modo, o adoecimento psíquico das mulheres deve ser entendido como um efeito da estrutura patriarcal que domina a sociedade. As mulheres são constantemente pressionadas a desempenhar papéis que as limitam, seja na vida doméstica, profissional ou social, e essa pressão impacta diretamente sua saúde mental (ZANELLO, 2020). Quanto a isso, M. 23 destaca:

Eu, na posição de mulher também...penso que é muito cansativo, sabe? É cansativo porque é lutar. Lutar e daí lutar pelo óbvio, né? Tipo, aí, lutar pra viver, pra ser uma pessoa, ser visto como um sujeito, né? De direito. É cansativo lutar pelo óbvio, né? (...) Eles estão nessa posição de poder, a gente está lutando pela igualdade, mas ainda a igualdade não chegou. E ela ainda não é uma realidade. Homens ainda estão na posição de poder. E é cansativo lutar com uma pessoa que tem um poder social acima do seu. Vamos dizer que é exaustível, por isso que é um atrito que afeta a minha saúde mental, sim, diretamente [sic].

Ao dizer que essa batalha afeta diretamente sua saúde mental, M. 23 demonstra a carga invisível que carrega todos os dias, uma carga que Zanello (2020) descreve como uma combinação de frustração e angústia. Essa luta para ser vista como, segundo M. 23, "uma pessoa, um sujeito de direito", para a autora é um dos maiores fatores que contribuem para o adoecimento mental de tantas mulheres. É uma luta que deveria ser desnecessária, mas que continua a ser travada por causa das estruturas de poder patriarcais que ainda dominam a sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo atingiu o objetivo geral, que buscou compreender a percepção das mulheres acerca do movimento *Red Pill*, no qual revelou um posicionamento claro, crítico e fundamentado contra as ideologias defendidas por este movimento. As entrevistadas demonstraram que, longe de ser uma nova ideologia, o movimento *Red Pill* é percebido como uma reinterpretação do machismo tradicional, apresentando-se com uma "nova roupagem" que visa manter a estrutura patriarcal como força social dominante (SANTOS, 2023). Essa percepção evidencia o conhecimento crítico das participantes, que identificam o *Red Pill* como uma ameaça às conquistas das mulheres, sendo um movimento que busca reforçar a desigualdade entre homens e mulheres.

As participantes também destacaram os impactos significativos dos discursos desse movimento sobre as mulheres. Esses discursos foram descritos como objetificantes, desvalorizando o corpo feminino e descredibilizando suas conquistas e capacidades. As falas revelam que o *Red Pill* tenta subjugar as mulheres, negando-lhes o direito de autodeterminação e promovendo a desumanização, especialmente no que diz respeito ao corpo e às relações afetivas. A constante reprodução de estereótipos misóginos impacta diretamente a autoestima e a saúde mental das mulheres, reforçando a opressão sistêmica que caracteriza o patriarcado (ZANELLO, 2020).

O estudo também revelou que as mulheres entrevistadas demonstram uma busca contínua pelo fortalecimento individual como forma de resistência aos discursos do movimento *Red Pill*. Essa resistência é expressa tanto em suas ações cotidianas quanto na recusa em aceitar passivamente as normas patriarcais impostas. As mulheres entrevistadas afirmam sua autonomia ao desafiar a objetificação e ao rejeitar os papéis de submissão que lhes são atribuídos pelo patriarcado, construindo narrativas de poder e fortalecimento. No entanto, é oportuno ressaltar que, no estudo, foi percebido que a maioria das participantes não abrangeu o fortalecimento coletivo, para além do individual.

Em suma, as mulheres que participaram da pesquisa demonstram não apenas uma clara consciência dos efeitos nocivos do *Red Pill*, mas também uma disposição para resistir a essas ideologias. Essa resistência é vista como uma resposta essencial para a busca por equidade de gênero, reafirmando o compromisso dessas mulheres em enfrentar o machismo contemporâneo e buscar a transformação social.

Como desafio destaca-se a escassez de literatura específica sobre a temática abordada, particularmente no que diz respeito ao movimento RedPill. Observou-se que a maioria das literaturas disponíveis acerca do movimento tem origem nos Estados Unidos, o que pode refletir percepções sociais e culturais descontextualizadas da realidade brasileira. Isso evidencia a necessidade de fomentar mais estudos nacionais sobre o tema, para que se possa compreender o fenômeno dentro do contexto sociocultural do Brasil. A limitação bibliográfica, portanto, restringiu a possibilidade de uma análise mais ampla e detalhada, reforçando a urgência de maior atenção acadêmica à temática.

Para futuras investigações, recomendamos um aprofundamento em áreas complementares que emergiram como lacunas nesta pesquisa, sugere-se estudar de forma mais robusta a ausência de fortalecimento coletivo entre as mulheres na luta de gênero, identificando os desafios e estratégias para promover uma resistência mais coesa e efetiva. Além disso, é fundamental investigar o ódio direcionado, em particular, às mulheres mais

velhas, um fenômeno que carece de análise crítica e sociológica. Por fim, considera-se imprescindível explorar mais profundamente as motivações que levam homens a aderirem às ideologias do movimento RedPill, tanto em seus discursos quanto em suas vivências.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, R.; ALVES, S. “O feminismo finalmente venceu”: metapragmáticas misóginas e antifeministas disfarçadas de liberdade de expressão. **Bakhtiniana Revista de Estudos do Discurso**, v. 19, n. 4, 1 jan. 2024.

ALVES, P. In: TECHTUDO, **O que é e como funciona o Reddit?** Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2013/09/o-que-e-e-como-funciona-o-reddit.ghml>>. Acesso em: 13 jun. 2024.

BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade E Estado**, Universidade de Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, março 2016. Disponível em: <<https://www.periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5897>> . Acesso em: 16 abr. 2024.

BIROLI, F. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. [s.l.] Boitempo Editorial, 2018.

BOTTO, M.; GOTZÉN, L. **Swallowing and spitting out the red pill: young men, vulnerability, and radicalization pathways in the manosphere**. *Journal of Gender Studies*, s.l., 23 set. 2023. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09589236.2023.2260318>> . Acesso em: 24 maio 2024.

BRASIL. **Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 26 set. 2024.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Incitação à violência contra a vida na internet lidera violações de direitos humanos com mais de 76 mil casos em cinco anos, aponta ObservaDH**. [Brasília]: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 23 jan. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/incitacao-a-violencia-contr-a-vida-na-internet-lidera-violacoes-de-direitos-humanos-com-mais-de-76-mil-casos-em-cinco-anos-aponta-observadh#:~:text=Os%20crimes%20de%20%C3%B3dio%20na, Crimes%20Ciber n%C3%A9ticos%2C%20da%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20SaferNet>. Acesso em: 13 jun. 2024.

BUTLER, J. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARVALHO, T. In: TECHTUDO, **O que é Reddit? Veja como funciona e como usar o fórum**. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/listas/2022/10/o-que-e-reddit-veja-como-funciona-e-como-usar-o-forum.ghml>> . Acesso em: 13 jun. 2024.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241–282, abr. 2013.

DUTRA, G. S.; PASCHOAL, B. C. G. **O contexto histórico do protagonismo das mulheres na sociedade: uma análise do movimento “red pill” sob a ótica do direito fraterno.** Salão do Conhecimento: Ciências Básicas para o Desenvolvimento Sustentável, Rio Grande do Sul, 2023.

ESCOBAR, P. E. S. **Misoginia e Internet: a manifestação do ódio contra mulheres no ambiente virtual e as possíveis implicações da Lei nº 13.642/2018.** Universidade Federal da Paraíba, Santa Rita, Paraíba, Brasil, 2019.

FIALHO, J. Análise de redes sociais: princípios, linguagem e estratégias de ação na gestão do conhecimento, **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, Brasil, João Pessoa, v. 4, Número Especial, p. 9-26, out. 2014.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Rio De Janeiro: Graal, 2009.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir : nascimento da prisão.** Petropolis: Vozes, 2011.

FREITAS, M. A. A masculinidade hegemônica na cultura brasileira. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 1, v. 20, p. 28-41, 2002.

GONDIM, S. M. G.; FISHER, T. **O discurso, a análise de discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo na gestão intercultural.** Revista do Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social - CIAGS, Vol. 2, Nº 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cgs/article/view/31544/pdf_1 > Acesso em: 11 out. 2024.

GOULART, C. F., e CARVALHO, P. A. (2018). **Corpo ideal e corpo real: A mídia e suas influências na construção da imagem corporal.** O portal dos psicólogos. Recuperado de ><https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1209.pdf>>

IDEOLOGIA. In: DICIO, **Dicionário Online de Português.** Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/ideologia/>> . Acesso em: 13 jun. 2024.

SAFERNET BRASIL. **Institucional.** Disponível em: <<https://new.safernet.org.br/content/institucional>>.

LAWSON, C. E. Platform vulnerabilities: Harassment and misogynoir in the digital attack on Leslie Jones. **Information, Communication & Society**, 21(6), 818-833, 2018. <https://doi.org/10.1080/1369118x.2018.1437203>

LESFEM (2024). **Monitor de Feminicídios do Brasil Revela aumento alarmante e Estatísticas Preocupantes** – LESFEM. Disponível em: <<https://sites.uel.br/lesfem/monitor-de-feminicidios-do-brasil-revela-aumento-alarmando-e-estatisticas-preocupantes/>>.

MATRIX. Direção e roteiro: Andy Wachowski e Larry Wachowski. Produção: Joel Silver. Estados Unidos: Warner Bros, 1999. Mídia em plataforma de streaming.

MOUNTFORD, J. Topic Modeling The Red Pill. **Social Sciences**, Brighton, v. 7, n. 3, p. 42, UK, 9 mar., 2018. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2076-0760/7/3/42>> . Acesso em 24 maio 2024.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Informe de Política para a Nossa Agenda Comum: Integridade da Informação nas Plataformas Digitais**. GUETERRES, A. (Org). 2023.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª Ed. Universidade FEEVALE: Novo Hamburgo - RS, 2013.

REGAGNAN, I. R; SOUTO, B. Um homem sem sua pílula vermelha está fadado ao fracasso: Desvendando o comportamento Redpill. **Cultura e Barbárie**, v. 1, p. 125–136, 1 jan. 2024.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Ed. Moderna, 1992.

SALDANHA, R. **Justiça brasileira recebe 2,5 mil processos de violência contra a mulher por dia, segundo CNJ**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/justica-brasileira-recebe-25-mil-processos-de-violencia-contra-a-mulher-por-dia-segundo-cnj/#:~:text=Educa%C3%A7%C3%A3o->>>. Acesso em: 19 set. 2024.

SANTOS, C. R. D. **O movimento RedPill e a Misoginia: Uma perspectiva Psicanalítica**. Curso de Graduação em Psicologia, Faculdade Ari de Sá, Fortaleza, 2023. Disponível em: <<http://repositorio.faculdadesa.edu.br/jspui/handle/hs826/359>>. Acesso em 24 maio 2024.

SANTOS, A. L.; SANTOS, M. Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 22(3), 1081-1102, 2022. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/69802>> . Acesso em 14 jun. 2024.

SILVA, J. M. S. **Antifeminismo no Facebook: um estudo sobre violência contra a mulher na internet**. Orientadora: Maria Lucia Chaves Lima. 2018. 114 f Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduado em Psicologia (PPGP), Instituto Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil, 2018.

VAN VALKENBURGH, S. P. Digesting the Red Pill: Masculinity and Neoliberalism in the Manosphere. **Men and Masculinities**, v. 24, n. 1, p. 1097184X1881611, 4 dez. 2018. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1097184X18816118>> . Acesso em: 24 maio 2024.

ZANELLO, V. **A Prateleira do Amor: Sobre Mulheres, Homens e Relações**. Curitiba: Appris, 2022.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos : cultura e processos de subjetivação.**
[S.l.]: EDITORA APPRIS, 2020.